

Verdades inadiáveis

Os que dizem que não se arrependem do que fizeram, têm mais que pensarem sobre as suas vidas. Não é fácil admitir um erro, muito difícil, porém, é sair dele depois que se sustenta, de toda forma, uma mentira ou engano. Todos nós estamos sujeitos a deslizes na vida, isto é muito natural. Errar faz parte do contexto humano da procura do acerto, mas quando imaginamos deter toda a razão ou mesmo quando nos sentimos no alto do nosso orgulho e este não nos permite voltar atrás, então as consequências são muito sérias.

Queira Deus, no alto de Sua bondade infinita, que todos nós, sem exceção, tenhamos sempre a oportunidade de retornar ao ponto de origem quando deixarmos voluntariamente o caminho certo. Apesar de sabermos, muitas vezes, que algo não é certo, teimamos em seguir neste caminho e aí provocamos, invariavelmente, destroços significativos em nossas vidas.

Feio não é errar, feio é teimar no erro, mesmo quando todos a nossa volta enxergam as besteiras que cometemos. Que coisa feia! Vergonhosa! Fazer algo deprimente aos olhos de todos, quando poderíamos retornar e não fazer mais.

Estas palavras, meus irmãos em Cristo, vão ao

encontro de todos aqueles que mesmo sabendo das verdades insistem equivocadamente no erro. Não é admissível que alguém com razoável inteligência teime deliberadamente em continuar num caminho que não vai dar a lugar algum, a não ser para a vergonha de ter que admitir que estava errado, simplesmente pela força dos fatos que agem inquestionavelmente, independentemente da nossa vontade.

Tais palavras vão ao encontro, também, das ordens religiosas que insistem em levar seus seguidores para caminhos indesejados, mesmo tendo a consciência de que seus conselhos levarão seus adeptos ao abismo. O que falamos, nesta ocasião, são as palavras que saem da boca de representantes religiosos que já possuem a noção do que seja a vida após a morte, mas insistem em propagar uma versão bastante diferente daquela que já crêem.

O comportamento de qualquer pastor de ovelhas que o Senhor nos creditou é ter com elas o compromisso de bem orientá-las, mesmo que, muitas vezes, o credo oficial negue aquilo que ele já saiba. O que ocorre é que as mudanças institucionais demoram a se estabelecer e só vêm depois de muito tempo. E aí, o que fazer? Contrariar a vontade oficial ou estar em paz com a sua consciência? Esta pergunta sempre existiu no seio da nossa Santa Igreja e é muito natural este embate ao longo da sua história, tanto que muitos Papas, e mais recentemente o nosso João Paulo II, tiveram que pedir desculpas públicas por não haver seguido o bom senso no tempo aprazado por Deus. Se algo é verdade, se imporá inexoravelmente a todas as pessoas

que terão que se dobrar diante de uma realidade arrebatadora.

O que pedimos, do lado de cá, irmãos em Cristo, não é outra coisa senão o uso do bom senso e da tolerância sem os quais haveremos de repetir os mesmos equívocos do passado. Não há como negar – e alguns campos da ciência já estão aí para demonstrar – que a realidade do espírito é inevitável. Não há como fugir ao pensamento universal de que sobrevivemos a tudo e a todos, porque o Pai, o Amor em excelência, não haveria de nos criar com a destinação da finitude.

Nossa Santa Igreja, mais uma vez pelas mãos do Papa viajante, afirmou que o nosso destino pós-morte é derivado diretamente do produto das nossas consciências e que não há, como muitos de nós pregamos, céu e inferno, ou mesmo purgatório, da maneira como descrevemos às nossas ovelhas. É preciso termos a hombridade de reconhecermos as nossas falhas e não mais perdermos o horizonte da história que se aproxima para compartilharmos dos mesmos conhecimentos que, no íntimo, já concordamos, mas não podemos, por obediência hierárquica e teológica, exprimir o nosso consentimento e aprovação a tais idéias.

Como não tenho mais o que temer, pois não poderei do lado de cá ser penitenciado pelo que digo, peço, apenas, que solicitem ao Pai Amantíssimo a sabedoria necessária para instalar gradativamente, no seio da nossa Igreja, as verdades espirituais que vivenciamos, até porque elas não pertencem individualmente a qualquer credo, uma vez que fazem parte das leis do nosso bom Deus.

Queira Jesus que as Tuas palavras, ditas há dois mil anos, continuem a ser redescobertas pelos homens e mulheres que, despojados de preconceitos e sectarismos, mas entregues verdadeiramente a tarefa de Te servir, possam exprimir a Tua vontade para todos nós.

Que Deus nos abençoe!

Capítulo 49

Santa missa

A partir do nosso encontro particular com Jesus, mudanças significativas hão de acontecer nas nossas vidas. O encontro com Jesus requer entrega total, libertadora do nosso eu, para que Ele possa espontaneamente agir sobre nossos pensamentos e ações. Sem esta entrega verdadeira, Jesus não poderá Se manifestar em nosso existir. É assim que ocorre – ou deveria ocorrer com todos nós – por ocasião da realização da Santa Missa.

A Santa Missa é um local e um momento sagrados. Representa um encontro particular e ao mesmo tempo coletivo com Deus e com o Nosso Senhor Jesus Cristo. Cada passo, cada ritual, cada palavra devem representar algo de novo nas nossas vidas, porque significa o próprio Cristo agindo sobre nós neste momento ímpar da Eucaristia.

É demasiado importante para mim afirmar que era na Santa Missa que eu mais me realizava como padre. Era sempre uma situação inusitada e feliz para mim celebrar uma missa. Cada missa era diferente. Cada missa possuía o seu “quê” de profundidade, de reflexão, de encontro com o Pai. Uma missa não é uma repetição de gestos e palavras